



**Ana Monteiro**

***A adaptação aos riscos climáticos em tempos de cólera social, política e económica.***

A dificuldade dos seres humanos em mudar de paradigma sobre o significado de qualidade de vida, bem-estar e saúde, reconhecendo-se como uma peça das mais singelas e frágeis do Ecosistema da Terra, continua a comprometer a lucidez e a coragem necessárias para avaliar as oportunidades e os constrangimentos que possam, de facto, garantir a sua existência em segurança no complexo equilíbrio dinâmico neste Planeta.

Mais uma vez estamos a ser confrontados, enquanto espécie, com argumentos míopes que reduzem a qualidade de visão ao longe. Ao insistir que os modelos económicos e políticos atuais, expressos por essa entidade singular designada de “mercados”, obrigam, até para a defesa e segurança de uma parte do mundo relativamente a outras, a diminuir urgentemente os “custos” associados ao cuidado com o ambiente, não é mais do que acolher a lei de Newton designadamente sobre a inércia do movimento. De facto, a inércia é uma propriedade fundamental de todos os corpos que os faz resistir à mudança. Mas, aplica-se também ao repouso. E é surpreendente que face aos inúmeros sinais do Sistema Climático, a opção por um intervalo de inação para refletir se coloque.

A evidência científica tem demonstrado o modo impulsivo como o Sistema Climático tem reagido a várias escalas espaciais, destruindo tanto os “castelos de cartas” dos lugares socioeconómica e politicamente mais robustos como os dos menos fortalecidos. Este cenário levanta uma questão fundamental: será a nossa incapacidade de agir fruto da ausência de alternativas ou de uma profunda iliteracia climatológica, sobretudo entre quem tem mais educação formal e influência política?

A minha convicção é que a segunda hipótese é a mais provável. Por conseguinte, gostaria de descrever algumas facetas deste personagem – o Sistema Climático – para procurar ilustrar que o nosso roteiro de sobrevivência à superfície da Terra será penoso e trágico se continuarmos a fazer escolhas estrábicas, isto é, com linhas de visão desalinhas e com pouca acuidade.

A partir de exemplos concretos de perdas e danos já observados, procurarei demonstrar como os riscos climáticos agravam irreversivelmente as tensões sociais, políticas e económicas, alimentando uma cólera coletiva. Este é um momento crucial para parar, repensar e adotar um modelo que reconheça o nosso papel como parte integrante e interdependente do ecossistema. Apenas através de uma postura humilde e reverente em relação à natureza será possível garantir um futuro sustentável e equitativo.

Academia das Ciências de Lisboa, 16 de janeiro de 2025